

MARTINÉSIA E AS FESTAS DE SÃO JOÃO BATISTA

Renata Rastrelo e Silva

Historiadora formada pelo Instituto de História - UFU

RESUMO

Esse artigo tem como objeto de análise as festas de São João Batista, realizadas em Martinésia, distrito de Uberlândia-MG. Sendo assim, buscou-se investigar as permanências e as mudanças ocorridas nelas ao longo do tempo. A fim de compreender com maior clareza e profundidade a dinâmica das festas aqui em questão, fez-se necessário entender as formas de viver dos habitantes desse distrito e a importância que as festas de São João Batista têm para as diferentes pessoas que dela participam.

Palavras-chaves: Festa, memórias, história.

MARTINÉSIA END THE SÃO JOÃO BATISTA PARTIES

ABSTRAT

This paper is the object of research about São João Batista parties that take place in Martinésia, a county of Uberlândia-MG. This way, we tried to investigate the things that continue and the changes that have been occurring during the time. To understand with bigger clarity and depth here the dynamics of the parties in question, it wa's necessary to understand the different forms of living of this locality and the importance that these parties have for the different people that participate of them.

Key-word: Party, memories, history

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema de análise as festas de São João Batista realizadas em Martinésia, distrito de Uberlândia-MG. A fim de compreender a dinâmica dessas festas fez-se necessário investigar como vivem os habitantes de Martinésia, mostrando como esse distrito se configura espacialmente, bem como aspectos econômicos, sociais, culturais, isto é, como essa sociedade se organiza, do que ela vive, a educação que suas crianças recebem, a saúde oferecida à população, a infra-estrutura, as relações de trabalho, assim como as relações com a cidade de Uberlândia, uma vez que essas festas são aqui entendidas como parte da vida do povo, ou seja, como integrante da cultura e cultura entendida como modos de vida, lembrando o que Thompson entende por esse conceito:

(...) não podemos esquecer que 'cultura' é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o

desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 1998, p.22)

Buscou-se compreender as festas de São João e sua relação com o surgimento do distrito, o seu significado religioso e o sentido que essa festa tem para as pessoas, bem como os elementos que a compõe.

Pode-se dizer, então, que o objetivo geral dessa pesquisa é compreender o significado que as pessoas do distrito de Martinésia e aquelas que se deslocam de Uberlândia para participar das festas de São João Batista atribuem a elas, sem se esquecer das outras questões que estão intimamente ligadas à festa, ou seja, as formas de viver das pessoas do distrito, a importância dele para seus antigos e atuais moradores, na medida em que as festas não são aqui entendidas como uma esfera à parte da vivência dessas pessoas, mas sim como integrantes de suas vidas, tendo significados, importâncias e formas de envolvimento diferenciadas.

Foi escolhido como período de estudo a década de 1980 até 2004 porque foi nesse momento que começaram a se processar algumas mudanças significativas nos espaços dessas festas e também nas formas de realizá-las, mudanças essas que aqui serão objeto de análise.

Como questões norteadoras dessa pesquisa tem-se: quais são historicamente as formas de vivenciar essas festas? Qual é o sentido que elas tiveram e têm para as pessoas que delas participam? Qual é o sentido religioso que essas festas têm para as pessoas? Quais são as motivações que levam as pessoas a participar?

Nesse sentido, para se pensar tais questões, algumas fontes foram utilizadas, tais como uma pasta com o histórico do distrito e a lei de sua regulamentação, jornal, revistas, fotografias e, principalmente entrevistas orais, na medida em que o objetivo central do trabalho é investigar os significados das festas para os sujeitos históricos, fez-se necessário ouvi-los, a fim de que eles pudessem falar de suas diferentes vivências e experiências, pois não se pode pensar que essas festas tenham um significado único para as diversas pessoas que delas participam, tendo em vista que cada um as vivencia a seu modo, de acordo com seus próprios valores e referenciais.

O Distrito de Martinésia

O município de Uberlândia, segundo dados da Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento, está dividido em cinco distritos (cf. Figura 1): Uberlândia, o distrito sede, Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Tapuirama e Miraporanga. Nesse trabalho o objeto de estudo é o distrito de Martinésia.

A História Local

² Em 1995 foi inaugurado, no distrito de Martinésia, o ginásio poliesportivo, o qual foi construído na praça São João Batista. Ele, muito mais do que um lugar para se praticar esportes, é também, como diz Dona Luzia Alves Borges, "um ponto de encontro", pois é lá que as pessoas se reúnem nos fins de tarde, nos finais de semana, para praticar esportes e para beber, tendo em vista que dentro do ginásio funciona um bar. Não só os moradores de Martinésia utilizam a quadra como ponto de encontro e prática de esporte, pois para lá também vão moradores do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, bem como pessoas de Uberlândia.

³ No ano de 1992, a Prefeitura de Uberlândia loteou uma área de 2000m² na entrada do distrito de Martinésia, no entanto, a área ainda permanece praticamente sem a construção de novas casas.

⁴ Entrevista realizada com José Geraldo Pacheco, morador da zona rural do distrito de Martinésia, no dia 12 de outubro de 2003.

⁵ Entrevista realizada com uma moradora da zona rural do distrito de Martinésia, no dia 12 de outubro de 2003.

⁶ Entrevista realizada com Rosângela Rastrelle e Silva, antiga moradora do distrito, realizada no dia 07 de Agosto de 2003.

⁷ Entrevista realizada com o Pe. Itamar de Almeida, pároco da Paróquia São Judas Tadeu, no dia 16 de Janeiro de 2004.

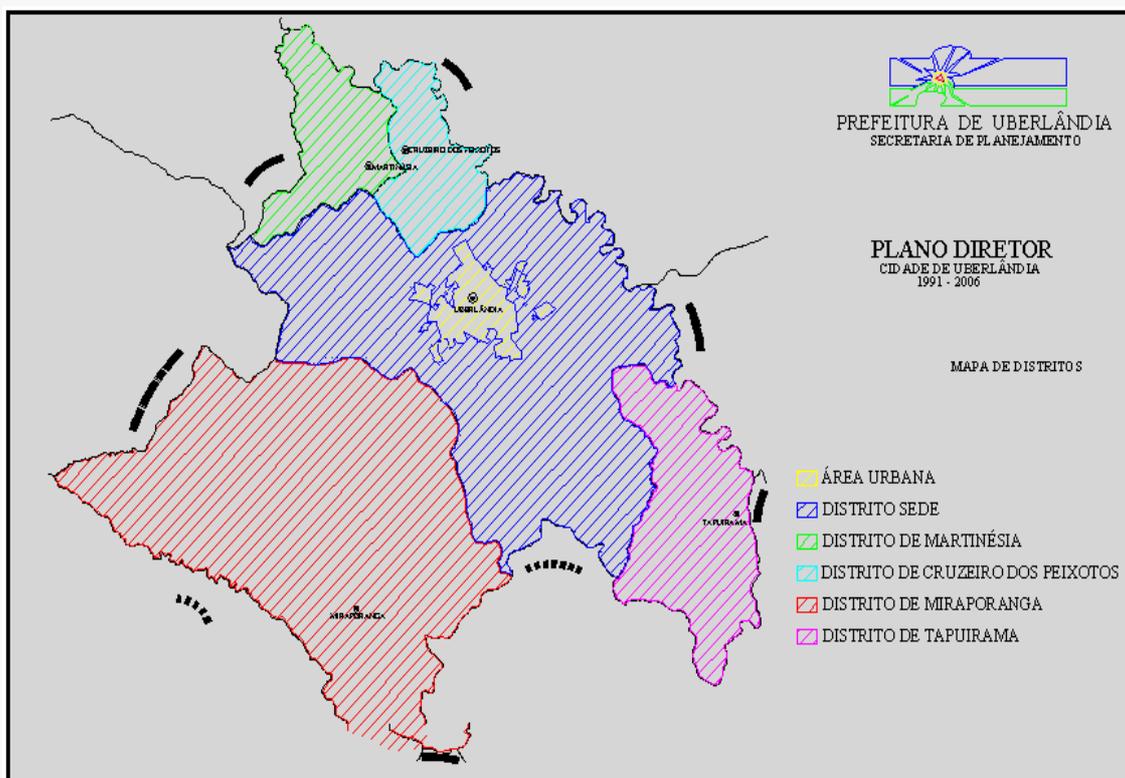
⁸ Entrevista realizada com o Pe. Itamar de Almeida.

⁹ Entrevista realizada com José Geraldo Pacheco.

Poucas e pequenas ruas e avenidas, igreja, coreto, escola, cemitério, campo de futebol, ginásio poliesportivo, enfim, elementos que se repetem em diferentes lugares. Todavia, por trás dessa aparente repetição de lugares encontram-se pessoas, sujeitos históricos, agentes sociais que significam esses espaços de maneiras diferenciadas, a partir de suas referências pessoais e grupais, a partir de suas vivências e experiências nesse lugar aparentemente igual a todos. É, nesse sentido, que, como lembra Raphael Samuel (1989/90), não se deve tratar um lugar como uma “comunidade”, pois há diferentes formas de vivê-lo, na medida em que há também diferentes classes sociais, diferentes referenciais e valores.

Martinésia, distrito de Uberlândia-MG, apresenta esse típico cenário (cf. Figura 2). Segundo Samuel, uma das grandes dificuldades de se estudar história local é o fato das cidades se assemelharem. Porém, a cidade, nesse caso, o distrito, deve ser visto como uma fonte que está carregada de experiências que foram vividas pelas pessoas, ou seja, o distrito só existe porque as pessoas deram significado a ele e cada um dá um significado diferente para os coretos, as praças, as igrejas, os campos de futebol. Daí se faz necessário usar diferentes fontes para se compreender essas experiências.

Todavia, aí se tem outro problema ao se trabalhar com a história local, que é a natureza dos documentos, na maioria das vezes, voltados para o governo local, segundo Samuel. Os censos, por exemplo, como lembra esse autor, são insatisfatórios, tendo em vista que pouco elucidam sobre a experiência e a vida das pessoas. Também os documentos de família são limitados, posto que na maioria das vezes são preservadas as negociações de grandes propriedades. Apesar das dificuldades e limitações são utilizados nessa pesquisa censos, dados quantitativos, porém, sempre com a preocupação de buscar em outras fontes as experiências dos sujeitos, o que foi possível, na maior parte, através da história oral.



Fonte: Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/economy/SilverStream/Pages/fsHome2_intra.html.

Arquivo capturado em: 09/06/2003

Figura 1 - Mapa de Distritos, Uberlândia, 2003

Outra dificuldade ao se trabalhar com a história local é a própria noção que se tem dela, ou seja, ela é vista, segundo Samuel (1989/90), como um “conjunto cultural”, isto é, como tendo suas leis, periodizações, enfim seu ciclo de vida próprio, o que cria essa idéia de “comunidade”, a qual alude à noção de homogeneidade e serve para rechaçar os conflitos, cabe aqui, no entanto, explorar esses conflitos aos quais se quer esconder, sejam eles familiares, sociais, políticos, econômicos ou outro qualquer.

Os Contrastes

O distrito de Martinésia, segundo dados do IBGE, no censo de 2000, possui 871 habitantes, sendo 330 da área urbana e 541 da área rural. Martinésia é o distrito de Uberlândia com menor número de habitantes (cf. Tabela 1).

Algo que chama a atenção é que, segundo dados do censo 2000, a maioria das pessoas responsáveis por domicílios, que vivem em Martinésia, têm um rendimento mensal que varia entre $\frac{3}{4}$ e 1 salário mínimo. Esse dado sinaliza para o fato de que Martinésia, ainda que num reduzido espaço físico, comporta desigualdades, pois lá também há pessoas que ganham mais de 30 salários mínimos. As diferenças já são visíveis se observarmos as casas da área urbana do distrito, a maioria são casas simples, construções antigas que datam das décadas de 1940, 1950, algumas até preservam na fachada o ano de sua construção, porém, lá também estão presentes construções mais recentes e mais “refinadas”, o que denota que essa não é uma sociedade homogênea.

FONTE: Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano

SEDUR / Divisão de Planejamento Social/ Dados Populacionais – Zona Rural/Censo/2000.

Enquanto há pessoas com rendimentos baixíssimos, há grandes fazendeiros com rendas muito altas. Isso é visível nas festas ocorridas no distrito. Na festa de São João de 2003, por exemplo, ao mesmo tempo em que havia fazendeiros arrematando prendas do leilão por até R\$300,00, havia também crianças recolhendo latas de refrigerante e cerveja.

A partir de um censo habitacional e populacional realizado pela SEMAD (Secretaria Municipal de Administração dos Distritos) em 2002 que teve por objetivo investigar a situação de moradia dos habitantes da área urbana dos distritos pôde se constatar que a maioria dos moradores de Martinésia possui casas próprias, as quais somam um total de 106 moradias; somam 09 o total de casas alugadas; 16 residências são cedidas ou emprestadas. No entanto, é curioso o fato de que a maioria dos imóveis, ou seja, 93 não ter escritura. A fim de obter dados mais detalhados acompanhe a Tabela 2.

Em conversa informal com o funcionário da SEMAD responsável pelo censo, ele afirma que grande parte das casas não têm escritura pelo fato de que na época de fundação do distrito, fazendeiros se reuniram e doaram parte de suas terras para a igreja, esta é que fazia a divisão de lotes às pessoas por meio de cartas de aforamento. Desse modo, aqueles que passavam a ser donos dos lotes não providenciavam a legalização do imóvel e mais, alguns lotes foram invadidos. Então, quando ocorre um processo de negociação das casas o dono emite apenas recibo de compra e venda, permanecendo os imóveis sem escritura.

Tabela 2

Censo habitacional, distrito de Martinésia - Uberlândia, 2002

Situação	Pessoas
Casa própria	106
Alugada	09
Cedida/Emprestada	16
Auto Construção	01
Abandonada ou Fechada	01
Imóvel do Município	04
Imóveis com escritura	19
Imóveis sem escritura	93
Imóveis em inventário	07
Total de imóveis	137

FONTE: Secretaria Municipal de Administração dos Distritos - 2002

AUTOR: J. Alves

Sociedade em Transformação

Antigos e atuais moradores do distrito apontam em suas falas algo semelhante: em termos espaciais o distrito continua praticamente o mesmo ao longo do tempo, com poucas modificações como, por exemplo, a construção do ginásio poliesportivo², a reforma do campo de futebol com a construção de arquibancadas e vestiários, o loteamento³, porém, esses mesmos depoentes apontam inúmeras modificações ocorridas nas formas de viver e de trabalhar nesses espaços.

A entrevista de José Geraldo Pacheco é bastante significativa porque ele aponta de uma forma muito perspicaz essas mudanças, as quais levaram à criação de expectativas, a ideais e sonhos diferentes

do que os que se tinha na década de 1950, por exemplo:

Antigamente, eu me lembro bem que, por exemplo, aqui na família, era eu, meu pai e mais seis irmãs. Então, às vezes a gente comenta, fazendo uma comparação, que a gente não sabe como que as pessoas viviam, como que um pai conseguia criar (...) se plantava aí, uma área pequena, de uma maneira completamente diferente do que é hoje. Às vezes se preparava a terra, é, muitas vezes na enxada, no enxadão e às vezes era muito, assim, era até bom pra aqueles que tinham condição de preparar a terra com um arado de boi, coisa nesse sentido. Então plantava um arrozal aí tinha, assim, aquela esperança, aquela expectativa de o ano ser bom, pra vender algumas sacas de arroz no final do ano e com aquilo, eu não sei como que passava, guardava alguma coisa pra alimentação durante o ano, e, pra comprar lá a roupa pros seus filhos, pra sua família. Então, hoje eu não entendo muito bem, que, às vezes, pra você viver hoje de lavoura, você tem que plantar grandes áreas, ainda assim, se você não tiver o apoio aí, de um financiamento por parte do governo, de banco, entendeu, é muito difícil. Então agora as coisas mudaram muito e, às vezes, assim, não sei é em razão dessa, da evolução que chegou e a gente vai também acompanhando, não tem como fugir disso, se não você fica, assim, completamente à margem da sociedade (...) hoje é muito difícil, antigamente talvez não, a maneira em que viviam, entendeu, talvez fosse até mais fácil, é, conduzir a família, alimentar a família, dentro daquela, do pouco que se tinha (...)⁴.

Essa fala indica que apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, científico que a sociedade brasileira viveu nos últimos 50 anos, a vida parece estar mais difícil, pois antes se conseguia sustentar uma grande família com pequenas plantações em pequenos pedaços de terra, com comida simples, algumas roupas, hoje, porém, talvez em virtude da cultura de consumo em que se vive, as pessoas têm outras expectativas. Esse processo reflete parte das mudanças ocorridas mundialmente. Após a Segunda Guerra Mundial o capitalismo se redefine passando por um processo de mundialização:

tais processos provocaram uma revolução na vida de diferentes nações, pois, ao se dissolverem-se as fronteiras, o capital mundializou mercadorias, pessoas, idéias, criou formas de vida, de trabalho, de ser e de pensar tanto no âmbito local, regional, nacional quanto internacional. (CLEPS, 2002, p.185-186).

Esse processo de transformação levou, então, à criação de novas formas de comércio e também de consumo, principalmente, a partir das décadas de 1980 e 1990, o que cria também diferentes consumidores, os quais buscam cada vez mais a facilidade e a comodidade.

As pessoas passaram a consumir não apenas pelo valor de uso dos produtos, mas também pelo seu valor simbólico, ou seja, os produtos têm não apenas necessidades reais, mas também imaginárias que levam o consumidor a comprar em virtude dos valores simbólicos que o produto comunica. Como argumenta Mike Featherstone (1995), a sociedade atual tem sido marcada por uma grande preocupação com a estética, ou seja, a preocupação com ela não está mais só no campo das artes, mas ultrapassou esse campo singularizado e a vida passou a ser regida por padrões estéticos, pela formação de estilos, de singularidades.

Se na década de 1950, por exemplo, os entrevistados relatam que a diversão das famílias era a visita entre os vizinhos, algumas festas, hoje, talvez em virtude da facilidade de acesso a Uberlândia, muitas vezes a diversão dos moradores de Martinésia está no shopping, nas churrascarias e pizzarias da cidade. Uma jovem de 14 anos, moradora do distrito de Martinésia, ao ser perguntada sobre sua diversão preferida, disse que um de seus passeios prediletos é no shopping, pois ela

adora comprar: “Aí, sair e comprar (...) ir pro shopping”⁵.

Desse modo, o distrito de Martinésia não pode ser visto como um lugar isolado de tudo, na medida em que ele faz parte de um todo, ou seja, de um país, de um sistema, logo, ele não está à margem das mudanças ocorridas.

Talvez a proximidade com a cidade de Uberlândia seja um fator importante no que aqui está em questão, na medida em que não se pode interpretar Martinésia como campo e Uberlândia como cidade em termos de uma dicotomia, pois Martinésia “faz parte” de Uberlândia, ou seja, se relaciona de uma forma muito próxima com essa cidade à qual pertence, participando de sua vida, isto é, de suas dinâmicas, tendo em vista que muitas vezes o lazer, o local de compras e o local de trabalho está em Uberlândia.

O acesso a Uberlândia foi facilitado, em primeiro lugar, pela pavimentação da rodovia que dá acesso aos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, inaugurada em 1987 e que recebeu o nome de Rodovia Municipal Neuza Rezende. O acesso foi facilitado também, mais recentemente pela implantação do SIT (Sistema Integrado de Transporte) que possui uma linha de ônibus, a linha D280 – Martinésia/Cruzeiro dos Peixotos/Terminal Umuarama, a qual faz 05 viagens diárias nos dias úteis e aos sábados e 04 aos domingos e feriados.

Segundo relatos de moradores do distrito da Martinésia, a primeira corrida do ônibus que sai de Martinésia às 06 horas da manhã e também a última corrida que sai do Terminal Umuarama às 18 horas e 50 minutos, vão lotadas, uma vez que muitas pessoas moram nos distritos, mas trabalham ou estudam em Uberlândia, mesmo a escola do distrito já contando com o Ensino Médio.

O distrito de Martinésia possui uma escola construída no ano de 1920 e que recebeu o nome de Escola Estadual Cristiano Machado. A princípio a escola possuía o 1º, 2º e 3º ano do então ensino primário. A partir do ano de 1942 a escola passou à responsabilidade do município e passou a contar com o 4º ano primário e a se chamar Escola Municipal Iguaçu, tendo, porém, em 1952 voltado ao seu primeiro nome.

O ano de 1970 foi significativo para os moradores de Martinésia. Nesse ano, a ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), hoje EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Assistência Rural), junto com os professores e a comunidade, construiu através de algumas promoções e arrecadações um galpão que passaria a abrigar as crianças no recreio e seria o local de realização de festas e também reuniões da comunidade local.

Em 1972, a escola passou a contar com a 5ª a 8ª séries do ginásio, sendo um anexo da Escola Estadual Américo René Gianneti, de Uberlândia, e passou a se chamar Escola Estadual de Martinésia. Em 1994 foi implantado o 2º grau, hoje Ensino Médio, anexo à Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza e que funciona no período noturno na atual Escola Municipal Antonino Martins da Silva, que passou a ter esse nome em 2000.

O Ensino Médio é freqüentado não só por alunos desse distrito, mas também por alunos do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, da região de Sobradinho e das Chácaras Val Paraíso.

A Escola Municipal Antonino Martins da Silva possui 05 salas de aula, biblioteca, sala de informática, além de outras dependências e, atualmente, atende aos alunos do pré à 3ª série no turno da tarde e da 4ª à 8ª série no turno da manhã, além do Ensino Médio no período noturno. Os alunos contam ainda com o transporte escolar oferecido pela prefeitura da cidade.

A escola possui uma proposta pedagógica que é bastante interessante e diversificada, na medida em que, além de trabalhar os conteúdos em sala procura também utilizar as peculiaridades do distrito para promover o processo de ensino-aprendizagem como, por exemplo, a utilização da ornamentação da festa junina para ensinar geometria, e também o Projeto Ciência Cidadã desenvolvido junto aos alunos de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental cujo tema é “O uso de agrotóxicos na agricultura e sua interferência no solo, na água e na qualidade de vida da comunidade do Distrito de Martinésia”.

Com esse projeto os alunos têm a oportunidade de pesquisar sobre a interferência dos agrotóxicos

em suas próprias vidas, tendo em vista que grande parte da população de Martinésia vive da agricultura, do plantio de hortaliças, as quais são comercializadas na Ceasa (Cooperativa Produtores Hortifrutigranjeiros Ltda) de Uberlândia.

Saúde

Em março de 1983 foi inaugurado em Martinésia o Posto de Saúde Martinésia, tendo 02 clínicos gerais, um ginecologista, um pediatra e um dentista.

O posto de saúde funciona 08 horas por dia tendo durante esse período uma auxiliar de enfermagem trabalhando. O distrito de Martinésia foi inserido a partir de novembro de 2003 no PSF (Programa Saúde da Família), no qual a equipe do programa visita os pacientes em suas próprias residências. A partir daí o médico, um clínico geral, passou a ir ao posto uma vez por semana. A equipe do PSF que atende aos distritos de Tapuirama, Cruzeiro dos Peixotos, Miraporanga e Martinésia é composta por 14 profissionais da saúde: um médico, um dentista, quatro auxiliares de enfermagem, seis agentes comunitários de saúde e um técnico em zoonoses.

O nome do posto de saúde foi mudado em setembro de 2000 passando a se chamar Posto de Saúde Omar Machado. Omar Machado foi um fazendeiro da região e a denominação do posto com seu nome foi motivo de descontentamento por parcela da população, assim como há descontentamentos com o atendimento médico prestado.

É perceptível a preocupação de alguns moradores do distrito de Martinésia em renomear os seus "lugares" colocando neles o nome de pessoas importantes para o distrito como é o caso da escola que tem o nome de um morador, que estudou naquela escola e nela foi professor. Outro caso é o das ruas que têm, em sua maioria, nomes de pessoas do distrito.

Isso pode ser entendido, pelo que se percebe nas falas de algumas pessoas, uma valorização do passado e da história, visto que em entrevistas com alguns deles e também com antigos moradores, esses demonstram ver em Martinésia um referencial, posto que ali nasceram e viveram e, além disso, se identificam com o lugar, suas leis e códigos.

Todavia, numa análise apressada poderia se dizer que as pessoas não se preocupam tanto assim com a história do distrito, pois não preservariam documentos que registrassem a história oficial do distrito, seus políticos e homens importantes. Porém, isso não pode ser entendido como um descaso pelo seu passado, na medida em que as pessoas se reconhecem muito mais no seu próprio passado, na história de sua família do que nesse passado "oficial", dos grandes nomes da história local, elas contam suas histórias pessoais com grande entusiasmo e procuram deixar claro seu amor por aquele lugar, mas sempre dando a ele o seu toque pessoal, ou seja, inserindo naquele lugar sua própria história de vida sem, no entanto, muitas vezes, desvalorizar a história desses grandes nomes.

Diante dessas argumentações pode-se perceber como a memória da origem do distrito está presente nos moradores de Martinésia, pois esta é uma história contada e recontada por eles e tem profunda relação com a devoção a São João Batista. Sendo assim, a festa de São João Batista acaba sendo algo que passa a fazer parte da vida daquelas pessoas, na medida em que ela tem para elas um significado de fé e também se torna uma ocasião de encontros entre moradores e entre esses e antigos moradores.

A Origem da Devoção a São João Batista

A partir de uma pasta existente no Arquivo Público de Uberlândia e de uma entrevista realizada com Dona Luzia Alves Borges – moradora do distrito de Martinésia desde que nasceu e que demonstra um grande interesse pela história do lugar de seu nascimento, fazendo entrevistas com antigos moradores dali, colecionando fotos – é que se pode contar um pouco da história da fundação desse distrito.

Dona Izabel Severino tendo seu filho acometido por uma pneumonia fez uma promessa a São João Batista para que o santo curasse seu filho, Joaquim Mariano da Silva. Este, após ter sido curado e para cumprir a promessa feita por sua mãe, colocou um cruzeiro no alto de uma colina.

Durante anos, os devotos de São João Batista se reuniram no dia 24 de junho, dia desse santo, para rezar o terço. Assim, surgiu a necessidade de se construir um barraco para abrigar as pessoas que para lá se deslocavam.

Então, esmolas eram coletadas, a fim de se construir esse barraco. Mais tarde fizeram uma capelinha e, para tanto, os moradores da antiga fazenda dos Martins (origem de Martinópolis) a cada ano sorteavam um festeiro, o qual deveria arrecadar esmolas para esse fim. Algum tempo depois a capela foi construída nas terras que pertenciam a Hipólito Martins.

A festa em louvor a São João Batista passou a ser realizada na capela e já contava com a presença do padre, o qual se dirigia àquela localidade para fazer as celebrações de batismo, casamento.

Conta Dona Luzia que certa vez, depois de terminada a festa de São João Batista, a capela caiu e todos ficaram preocupados com a imagem de São João Batista que estava lá dentro, pois todos tinham um grande apreço por ela. Porém, tirados os entulhos constatou-se que a imagem estava intacta e os devotos desse santo entenderam o acontecido como um segundo milagre dele.

Depois disso, em 1917, algumas pessoas se reuniram, dentre elas, Germano Ribeiro da Silva, João Paniagua Nunes, Eleotério Batista Pacheco, João Antônio de Faria e outras, liderados por Emerenciano Cândido da Silva, conhecido como Capitãozinho, a fim de comprar o terreno para fazer o povoado. Fez-se, então, a planta localizando onde deveriam se abrir as ruas. No dia 30 de junho de 1918 o engenheiro J. da Costa Carvalho fez a demarcação da área.

A partir daí comerciantes foram se estabelecendo, as casas foram sendo construídas. Segundo Dona Luzia, nesse momento se instalaram na região duas olarias das quais provinha o material para a construção das casas.

Os donos dessas olarias doaram os tijolos para a construção da Igreja, erguida com a ajuda dos moradores daquela região. Assim aconteceu também com a escola, feita com a colaboração de diferentes pessoas.

Desta forma, o Distrito de Martinópolis foi criado em 27 de setembro de 1926 e instalado em 17 de maio do ano seguinte. Por meio do decreto-lei nº1058 que data de 31 de dezembro de 1943 mudou-se o nome de Martinópolis para Martinésia.

Dimensão Religiosa da Festa de São João Batista

Contar a história do distrito tem lugar aqui em virtude do objetivo desse capítulo que é tratar das festas de São João Batista, uma vez que elas se remetem à origem do distrito de Martinésia, ou seja, a devoção a esse santo nesse lugar é tão antiga quanto o próprio distrito.

Falar, então, das comemorações de São João Batista implica em falar primeiro de sua dimensão religiosa, na medida em que já no surgimento do distrito está presente uma promessa feita a São João Batista.

Segundo a Bíblia, São João Batista era primo de Jesus, filho de Isabel e Zacarias. Ele foi um precursor e anunciador da vinda de Jesus. Foi ele quem batizou Jesus nas águas do Rio Jordão e por ter condenado publicamente o adultério do Rei Herodes foi preso e colocado na fortaleza de Maqueronte tendo sido degolado a pedido da esposa desse rei.

Apesar de essa ser uma festa que está intimamente ligada à Igreja, sua dimensão religiosa não se esgota aí, na medida em que é muito forte a tradição popular que envolve São João e sua festa, tendo como um dos elementos principais as promessas feitas ao santo, que remontam desde a origem do distrito até os dias atuais e também ao batismo na fogueira, um batismo não reconhecido pela igreja como um sacramento, mas que no universo da tradição popular muito significa para as pessoas.

Os Elementos que Compõem a Festa

As comemorações em louvor a São João Batista se compõem de diferentes elementos, dentre eles: a procissão, o leilão, a novena, a fogueira, os fogos.

A Novena

Tradicionalmente, a novena de São João Batista tem início no dia 15 de junho encerrando-se no dia 23 desse mês. Durante esses dias os fiéis se reúnem para rezar o terço e participar das missas. Após a realização das rezas os fiéis participam da quermesse, na qual eles comem, bebem, arrematam prendas nos leilões.

Segundo relata Rosângela Rastrello e Silva, desde sua infância as novenas eram acompanhadas assiduamente pelas famílias do distrito, a sua, por exemplo: (...)“a gente não tinha carro, ia todo dia, todo dia pra novena, a gente ia a pé, é, meu pai e nós, todo mundo ia todo dia, a gente ia, os nove dias a gente participava das novenas”⁶.

Ainda segundo essa depoente, os espaços da festa eram demarcados. Como a igreja está situada no alto de uma colina, aí no lugar mais alto e mais próximo à igreja ficavam as pessoas mais velhas e embaixo os mais jovens.

Ainda hoje se percebe uma certa demarcação dos espaços, pois como foi construído um salão ao lado da igreja, a quermesse é realizada no interior dele, enquanto que os mais jovens se reúnem no pátio da igreja para conversar, namorar.

Em todas as noites de novena são realizados os leilões. Leiloam-se desde doces, legumes, verduras, roupas, assados, até leitoas e bezerros. Neles há uma grande participação dos presentes dando lances com valores altos que não estão ao alcance de grande parte daqueles que estão presentes. Os leilões antes eram realizados no coreto, no entanto, com a construção do salão eles são nele realizados, dando aos participantes certo tom de comodidade, pois sentados eles comem, bebem e participam do leilão.

O Dia 23 de Junho

Nesse dia é realizada a última novena. Ele é um dos pontos altos da festa de São João Batista. Inicia-se com a missa que é assistida por um grande número de fiéis. Depois os fiéis se dirigem ao salão que foi construído ao lado da Igreja, a fim de festejarem. Nessa festa não estão presentes somente as típicas comidas e bebidas das festas juninas, como a pamonha, o milho cozido, o quentão, a canjica, pois se junta a esses elementos a cerveja, o refrigerante, os salgados, como pastéis e coxinhas, o churrasco. Um dos momentos mais importantes dessa noite de festa é quando os fiéis se reúnem no interior da Igreja e, cantando o hino de São João Batista e carregando uma bandeira com a imagem do santo, se dirigem à parte externa da igreja. A bandeira é introduzida num grande mastro que com muita dificuldade e com a ajuda de muitos homens é erguido, ou melhor, “levanta-se o santo”, como é dito pelos participantes da festa, sobre gritos de “Viva São João!” e de uma tradicional queima de fogos.

Hino de São João Batista

São João glorioso
Bom amigo de Jesus
Desde a infância espalhastes
Das virtudes clara luz

Lá nos céus fulgurantes
Diadema vós cingis
E dos pobres e aflitos
Os soluços sempre ouvis

Glória nunca desta terra
Vossa alma procurou
Tão somente para Deus

Vosso peito suspirou

Ensinai-nos São João
Ser humildes como vós
Para Deus a honra e glória
E o desprezo para nós

Nos combates desta vida
Confiastes no Senhor
Mil assaltos, mil pelejas
Mas saístes vencedor

Avivai no nosso peito
Da esperança o clarão
Recebei no paraíso
Nossa eterna gratidão

“Levantar o santo” significa reconhecer a grandiosidade do santo para aquelas pessoas, significa nas palavras do Padre Itamar de Almeida “reconhecer a santidade do próprio santo”⁷ e a importância que ele tem para os fiéis.

Após esse ritual é acesa a fogueira. Nesse momento, os fiéis se aproximam dela a fim de realizarem o batismo. Muitas pessoas batizam seus filhos pela devoção que têm ao santo, no entanto, existem aqueles que batizam simplesmente para manter a tradição e batizam mais por superstição do que necessariamente pela devoção.

Segundo o Padre Itamar de Almeida, a fogueira tem um sentido de purificação, pois ela estaria presente em toda a vida do povo de Deus:

A gente vai encontrar até mesmo no antigo testamento o símbolo da fogueira, que é um símbolo de purificação, de queima, o próprio profeta Isaías coloca com muita clareza pra gente que uma grande fogueira será erguida e que essa fogueira será acesa com os mantos embebidos em sangue, com as botas dos soldados, mostrando assim, que essa fogueira iria queimar toda a injustiça e que dali nasceria um novo povo, então, a fogueira tem o sinal de purificação e tem o sinal do Espírito de Deus, por isso o próprio João Batista vai dizer assim ‘eu batizo vocês com água, mas virá aquele que irá batizar vocês no Espírito de Deus e no fogo’ pra mostrar, assim, o sentido da purificação verdadeira, dessa transformação, dessa mudança de vida.⁸

No entanto, acredito que essas pessoas não batizam por esse motivo, acredito que elas batizam muito mais pela devoção ao santo, pela tradição, porque foram batizados e querem batizar também os seus filhos, ou até, como já dito, batizam por superstição, ou seja, para ter o filho protegido do fogo.

A Procissão

No dia 24 de junho é realizada a festa de São João Batista. Nesse dia acontece a procissão, na qual as pessoas percorrem as ruas do distrito carregando os andores de São João, São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida, cantando e rezando. Isso acontece porque geralmente a festa não é somente festa de São João Batista, mas é também festa em louvor a São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida.

A Figura 3 nos apresenta uma procissão de São João Batista realizada em 1926, o que nos remete ao significado que a devoção ao santo sempre teve para o distrito de Martinésia, na medida em que pela imagem é possível ver como o fotógrafo procurou dar ênfase à quantidade de pessoas que

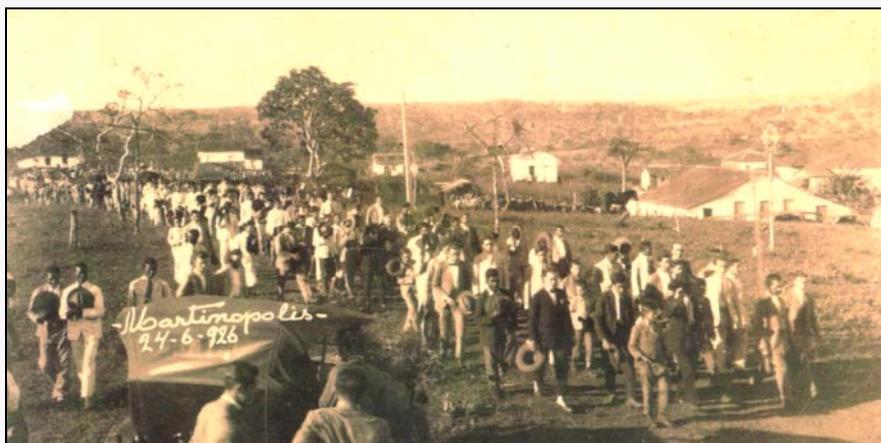
acompanhavam a procissão e, conseqüentemente à importância que a devoção ao santo teria para aquelas pessoas.



Foto: Renata Rastrelo e Silva, Junho/2003

Figura 3 - Procissão de São João Batista

É muito comum que as pessoas que carregam os andores na procissão o fazem por possuir votos aos respectivos santos carregados. Quando isso acontece, ou seja, quando alguém carrega um andor por voto, já aparece no próprio programa da festa, o qual é distribuído aos moradores do distrito, da região e de Uberlândia.



Fonte: acervo particular de Dona Luzia Alves Borges

Figura 4 - Procissão de São João Batista realizada em 1926

A Festa de São João Batista e seus Significados

Embora a devoção a São João Batista esteja presente no distrito de Martinésia desde duas origens, não podemos dizer que a festa em louvor a esse santo aconteça da mesma forma que há 20 anos atrás, por exemplo.

Até espacialmente a festa se mostra diferente, pois o salão ao lado da igreja só foi construído recentemente através de promoções realizadas para esse fim, além da renda obtida nas festas. Os leilões que hoje são realizados dentro desse salão, antes eram realizados no coreto e as pessoas se reuniam em volta dele. Nota-se nas falas de algumas pessoas um certo saudosismo em relação àquela época, pois muitas dessas pessoas acreditam ser aquela a verdadeira festa de São João Batista.

Por outro lado, a construção desse salão foi uma conquista, pois foi feito com a arrecadação das festas, ou seja, com a colaboração de todos. Para muitos o leilão e os festejos em geral sendo realizados no interior do salão e as pessoas se reunindo lá dentro, a maioria sentadas, é sinal de conforto, na medida em que o período das comemorações em homenagem a São João Batista coincide com o inverno.

Todavia, a existência do salão não exclui a aglomeração de pessoas no pátio da igreja, junto ao coreto, principalmente os jovens que aproveitam esse espaço para conversar e namorar.

Então, apesar de permanecer ao longo do tempo, várias outras mudanças são perceptíveis na festa de São João Batista.

Uma mudança importante ocorreu no programa da festa. Antes a programação distribuída às pessoas contava com o nome de famílias que de alguma forma faziam parte da história de Martinésia. Os novenários, como são chamados, têm por função doar prendas para o leilão e comparecer e participar da festa. Essa mudança é percebida por José Geraldo Pacheco como prejudicial à festa, pois da forma antiga de programação as pessoas se sentiam mais importantes nela:

Eu acho que mudou muito (...) algumas pessoas ainda prezam, ainda defendem aquela tradição antiga, da festa de São João Batista, de uma maneira das pessoas participarem, onde tinha o leilão, a pessoa fazia, ah, vamos por os novenários: colocava um jovem, um rapaz com uma moça que não tinha nada a ver com ele, ou mesmo que tivesse, às vezes, assim, se namorava colocava os dois ou se não o povo, o João com a Maria de outro setor, então, a Maria se sentia na obrigação de dar uma prenda e o João aquela obrigação de arrematar aquela prenda (...) hoje se coloca, assim, tal dia os novenários são da região tal e as pessoas vão se sentindo menos compromissadas em fazer a doação de uma prenda (...)⁹

Hoje os programas não contam mais com nome de pessoas, mas com regiões, como aponta o depoente. Outra mudança que não agrada a alguns é a realização da festa no final de semana, mesmo que o dia 24 de junho ocorra em dias úteis. Essa mudança, como ocorreu em 2003, não agrada a algumas pessoas, as quais a considera um certo desvio da tradição. Já outras pessoas consideram a mudança benéfica, pois possibilita, talvez, uma maior participação das pessoas, pois sendo realizada no final de semana a maioria das pessoas não trabalham podendo, então, participar da festa.

A realização da festa que antes era comandada por um casal de festeiros, hoje é realizada por uma comissão, ou seja, várias pessoas se reúnem para tomar as decisões sobre a festa.

Percebe-se ainda mais como a mesma festa é vivida de formas diferentes, pois se na festa de 2003 uma cela foi arrematada por R\$300,00, na mesma festa se tem crianças catando latas de refrigerante e cerveja, num nítido contraste social num espaço tão pequeno.

Vai se percebendo, então, como historicamente a festa se configura de formas diferentes, em virtude

de diferentes razões como, por exemplo, o próprio desenvolvimento, como é o caso da construção do salão, ou até pela interferência dos padres nas decisões sobre as festas, por exemplo, no caso do programa. Isso nos leva a dizer que por mais que algo faça parte da tradição popular não significa que permanecerá imutável ao longo do tempo, pois bem sabemos que a história é um processo, ou seja, a história se transforma e as pessoas também.

Desse modo, a festa de São João é uma tradição no distrito de Martinésia, no entanto, tradição não é transposição, pois se assim o fosse negaria a transformação, a mudança, isto é, dizer que algo é tradição não significa dizer que é algo imutável, mas, pelo contrário, significa que é algo que tem sua própria dinâmica, sua própria forma de se transmitir ao longo das gerações, as quais vão se modificando. Então, assim como afirma Thompson, as práticas costumeiras não podem ser analisadas como antiguidades, como resíduos do passado, pois isso seria uma redução dessas práticas, tirando toda a sua dinâmica, ou seja, o sentido da história enquanto processo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. E. J. Os famintos do Ceará. In: FENELON, D. R. et alli (orgs). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'água, maio/2004.

CLEPS, G. D. G. A lógica social do consumo: os novos padrões e valores culturais. In: I Simpósio Regional de Geografia – Geografia: Aplicações e Perspectivas. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia, 25 a 29 de Novembro de 2002, p.185-186.

Featherstone, M. Culturas da cidade e estilos de vida pós-modernos, Cultura de consumo e desordem global. In: _____. Cultura de Consumo e Pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p.135-177.

FENELON, D. R. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? História e Perspectivas. Uberlândia, nº6, Jan/Jun 1992, p. 5-23.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-179.

SAMUEL, R. Documentação – História Local e História Oral. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9, nº19, set/89/fev90, p.219-243.

SILVEIRA, I. Dia 24 – S. João Batista. In: _____. A Vida dos Santos na Liturgia – Leitura para Reflexão. Petrópolis, Editora Vozes, 1982, p.86-87.

THOMPSON, E. P. Introdução: Costume e Cultura. In: _____. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. O Termo Ausente: Experiência. In: _____. A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p.180-201.

VELLOSO, M. P. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991, p. 122-143.